

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (PÔSTER)

NOME: ANA CLAUDIA DE JESUS BARRETO

TÍTULO: O LUGAR DOS NEGROS POBRES NA CIDADE: ESTUDO NA ÁREA DE RISCO DO BAIRRO DOM BOSCO

AUTORES: ANA CLAUDIA DE JESUS BARRETO, ANA CLAUDIA DE JESUS BARRETO

PALAVRA CHAVE: área de risco, negros, desastre ambiental, escravidão, pobreza

RESUMO

Para entender o processo de inserção da população pobre e negra no espaço urbano é necessário ir às origens da nossa formação socioeconômica. O sistema escravocrata, que fez parte desse processo, utilizou a mão-de-obra negra africana para produzir riqueza, deixando suas marcas profundas na nossa sociedade. Ao serem libertados os ex-escravos, não tinham muitas opções de trabalho e nem terra para produzir e morar. A não ser permanecer nas fazendas ou se aventurar nas cidades em busca de melhores condições de vida. Contudo, o estigma da cor e da escravidão deixou raízes profundas que perduram até o momento. A raça negra, ainda ocupa as funções menos qualificadas, o nível de escolaridade ainda é baixo, recebem os menores salários e o local que resta para morar são precários, seja nas favelas, nos cortiços e, hoje, nas denominadas áreas de risco ambiental. O presente trabalho propôs estudar a população moradora de área sujeita a escorregamento de terra na cidade de Juiz de Fora - MG e para tanto selecionou o bairro Dom Bosco, a fim de analisar a trajetória de vida, a luta por um lugar para morar, a vulnerabilidade socioeconômica e ambiental em que os descendentes de escravos, moradores daquele bairro estão expostos.

A formação do bairro Dom Bosco iniciou-se no ano de 1927, quando um antigo proprietário de terras chamado Vicente Beghelli começou a vender os lotes "por baixo preço" aos operários.

"Pequeno quilombo" foi assim que se referiu o senhor Isaías (87 anos), morador do bairro Dom Bosco desde 1932. Relatou que, ao chegar ao bairro, havia uma presença grande de ex-escravos oriundos das fazendas de café (São Mateus e Salvaterra). Conforme esse antigo morador, as casas eram simples, feitas de sapé, o chão de terra batido e uma única estrada, chamada São Francisco, cortava o morro "Serrinha", ligando a cidade ao Distrito de São Francisco. A água era de bica e a luz de candeeiro.

D. Geralda (88 anos), filha de ex-escravo, nasceu e morou por muitos anos numa fazenda em Humaitá, no distrito de Torreões, em Juiz de Fora. Contou que migrou da zona rural na década de 40 para a cidade em busca de melhores condições de vida. Pagou aluguel durante alguns anos em outro bairro, antes de mudar para "Serrinha", quando seu esposo teve a oportunidade de comprar um pedaço de lote de Vicente Beghelli, passando vários anos pagando as prestações. Confirma, como todos os outros moradores antigos, a inexistência de luz e a dificuldade para ir à bica pegar água e trazer na lata, enquanto o marido ia pegar lenha, onde hoje está localizada a Universidade Federal de Juiz de Fora. A luz era "fraquinha", vinha do candeeiro. Ela narrou com felicidade o dia em que chegou água encanada no bairro, na gestão (1977-1982) do Prefeito Francisco Antônio de Melo Reis, "o cano estourou, eu pulei pra cima, dei um pulo, levantei minha roupa pra cima, vamos gente comemorar!".

D. Olga, neta do ex-escravo João Gonçalves, conta que sua família saiu da fazenda Salvaterra quando ela tinha 5 anos. Ela veio morar em Juiz de Fora, no Dom Bosco, na década de 50.

Questionada sobre o motivo de terem ido morar naquele bairro, recorda que sua família saiu da fazenda para melhorar as condições de vida. Segundo a entrevistada, na época em que chegou ao bairro, sua família decidiu não "invadir", apesar de não dispor de dinheiro para comprar um lote. Optaram, então, por morar de aluguel, como até hoje. Olga mora com sua irmã, que também é pensionista. Ambas recordam, quando chegaram ao bairro, "tudo era trilha", não existiam as ruas, tinha um "bicão" onde os moradores carregavam água, "dava uma briga" quando as mulheres queriam passar na frente das outras. O transporte de passageiros era feito através de bonde, que parava no final da Rua São Mateus. O restante do caminho tinha que ser feito a pé, até chegar ao bairro. Para sobreviver, as irmãs passavam e lavavam roupa pra "fora" e devido ao estímulo do tio, Olga estudou e conseguiu concluir o 2º grau.

Estes relatos vem confirmar as dificuldades de acesso à terra que os descendentes de escravos tiveram ao chegar à cidade. A inserção precária num bairro praticamente fundado por negros e que não existia infraestrutura para habitações. Contudo, ao longo dos anos a população moradora foi conseguindo junto ao poder público, a instalação de serviços, como água, luz e esgotamento sanitário.

Apesar desses investimentos o bairro é considerado de risco físico pela Defesa Civil, pois ao longo do tempo, sem condições de adquirir um lote ou uma casa num local seguro, muitos moradores foram ocupando as encostas. De acordo com a pesquisa de campo realizada em 2010, nas treze ruas do bairro Dom Bosco consideradas de risco físico, moram 3.514 pessoas, sendo que 19,3% são brancas e 80,7% são negras - pretas e pardas.

No tocante ao perfil de dezesseis (16) entrevistados, sendo que seis (6) deles foram removidos do local onde moravam por ser inadequado. Em sua maioria apresentam uma escolaridade baixa, 68,8% não chegaram a concluir o ensino fundamental. No tocante a ocupação 43,8% é do lar, 25% desenvolve atividades no mercado informal, como faxineiras e auxiliar de pedreiro. A maioria está na fase adulta, 43,75% entre 28 e 37 anos de idade. Com relação ao número de ocupantes no domicílio, 68,75% tem de 4 a 7 pessoas ocupando o imóvel. E a renda familiar está entre 1 (um) salário mínimo, 25%, e inferior a 1 (um) salário mínimo, 25%.

Quanto ao sentimento deles na ocasião das chuvas, o que impera é o medo e preocupação com os filhos e as pessoas conhecidas. Com relação às seis pessoas que foram removidas da área de risco, apesar de não estarem mais na situação de risco físico, ainda tem "medo", sentem "tristeza", "impressão ruim" e com exceção de uma moradora que disse hoje ter "tranquilidade", por não estar mais no risco. Apenas uma falou que preferia voltar para o lugar que estava antes, porque apesar da precariedade que vivia, sem banheiro, água e luz, hoje tem que arcar com todas essas despesas.